

Uma Árvore, Uma História



Era uma vez
um Rio

Isabel Bande Espinosa

Ilustrações: **Edgar Léo**

EDITORA



ÁTOMO

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA CENTRAL - UNICAMP**

Espinoza Isabel Bande
Es65a Uma árvore, uma história : Era uma vez um rio Isabel Bande Espinoza. -- Campinas, SP : Editora Átomo, 1993
1. Literatura infanto-juvenil brasileira. 2. Histórias infanto-juvenis. I. Título
20. CDD-809.892 82 -8869.352

Índices para Catálogo Sistemático:

- 1. Literatura infanto-juvenil brasileira 809.892 82
- 2. Histórias infanto-juvenis 8869.352

Todos os direitos reservados à autora Isabel Bande Espinoza

EDITORA ÁTOMO LTDA.
Rua Tiradentes, 1053 - CEP 13023-191
Guanabara - Campinas - São Paulo
Fone/Fax (0192) 32-9340



MARTE



SATURNO



TERRA



PLUTÃO



JÚPITER



VÊNUS



MERCÚRIO



URANO

ERA UMA VEZ UM RIO...

Já há muitos, mas muitos anos mesmo, a Terra, nosso lindo planeta azul, brinca de roda com seus irmãos, Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter, Saturno, Urano, Netuno e Plutão.

O Sol, pai de todos, fica no meio. A Terra gosta do seu calor e adora brincar. Tanto, que enquanto roda com seus irmãos, ainda brinca de girar em volta de si mesma, como se fosse bola que rola no ar, ou globo de aula de Geografia.

Você já viu como é?

Por que será que nós não percebemos? Não dá impressão de que estamos paradinhos?



Mas a Terra também gosta de dormir. Como você. Só que não dá pra dormir inteira, quer dizer, os dois lados de uma vez só. Um lado sempre fica de cara pro Sol.

Enquanto o Oriente adormece, com seus segredos, o Ocidente (nossa banda da Terra), recebe os raios de papai Sol. Ele chama as pedras, as plantas, os rios, os mares, os animais, os homens e as crianças. É hora de aprender e trabalhar.



Vamos ver o que está acontecendo esta manhã neste lindo riacho.

Os raios do Sol vão entrando pelas águas limpinhas, acordando, com muito cuidado, todos os seres do rio.

Os passarinhos se espreguiçam em seus ninhos, afinam seus instrumentos e cantam para a luz, se juntando ao canto do riacho, que nunca para de murmurar e contar segredos para quem sabe ouvir.

Assim, é uma delícia aprender a trabalhar. Fazer mágicas.



Agora mesmo, os raios do Sol, as plantinhas (aquelas que a gente vê e as que a gente não vê e nem imagina que existem) começam a fazer uma mágica incrível, junto com o gás carbônico do amigo ar e a água limpinha do riacho.

Esse truque da mamãe natureza se chama fotossíntese. Não é maravilhoso?

Você já fez aquela mágica do feijão? É só uma sementinha e quando você vai ver, virou uma planta.

Só que não podemos deixá-la no escuro e sem água, não é?

É a mágica da fotossíntese, que as plantinhas podem fazer. Só as plantinhas. Por isso, todos os outros seres, do riacho e da Terra inteira, precisam das plantinhas para não morrer.

Você só comeu esse bifinho no almoço, se é que você come carne, porque a vaquinha tinha capim para comer. Seu leitinho também.



Na verdade, seria maravilhoso se, em vez de pastos, as pessoas usassem o solo pra plantar alimentos orgânicos para todos. Você sabia que se fosse assim não existiria tanta gente passando fome no nosso Planeta.

Olha! Os caracóis, os girinos, os filhotinhos de insetos se espreguiçam, respiram gostoso um ar cheio de oxigênio e se preparam para a bóia, que suas amigas plantinhas prepararam.

Chi!! Lá vêm as ninfas das libélulas, os filhotinhos dos besouros d'água e as salamandras. O negócio é comer depressa pra não virar café da manhã.

Mas esses também não podem se descuidar! As rãs e os peixes estão de olho neles.

Que vida! Mas todos precisam comer, não é?

O martim-pescador e garça também estão com muita fome. E olha a Lontra, também preocupada com sua barriguinha! Ela adora um peixinho!

“Tudo é perigoso, tudo é divino, maravilhoso”,
como canta Caetano Veloso.

A morte e a vida, o escuro e o claro, o choro e a
alegria... Tudo faz parte. Dois lados da mesma
moeda. Universo em transformação.

Você conhece essas experiências que os cientistas
fazem com ratinhos? Tiram os pobres de sua vidinha
e os deixam num espaço pequeno.

Eles vão tendo filhinhos, tendo filhinhos... Chega uma hora em que há ratos demais. Eles ficam completamente desequilibrados e começam a aparecer as doenças, do corpo, da cabeça, a violência, a morte.

Eles, os cientistas, queriam saber o que acontece com a Natureza quando o homem se intromete no seu trabalho de equilibrar tudo.



Ainda bem que tudo está equilibradinho no nosso riacho, não é? Por isso ele vai indo alegrinho, cantarolando com os passarinhos e brincando de escorregar nas pedras lisinhas.

Ele sabe da imensa riqueza que há em cada gotinha de suas águas! As pessoas não podiam ver estas coisas lindas antes do microscópio, mas ele sabia. Sabia de muitas coisas...

Aproveita então pra espirrar água fresquinha em seu amigo ar. Em troca, ele lhe dá um bocado de oxigênio de presente.



Para onde vai indo, todo contente?

Ele sabe, sem saber como sabe, que existe um rio grande, muito grande em algum lugar, e que é pra lá que ele vai.

Sabe também (quem contou a ele? As fadas? A mãe d'água? As ondinas?) que existe um espaço imenso, muito profundo, onde vivem peixes estranhos, com dentes muito grandes.

Um dia, ele sonhou que estava lá no fundo, e que era muito escuro lá e que não havia plantinhas porque a luz do sol não conseguia entrar. Viu peixes que brilhavam na escuridão e tinham dentes enormes!



Nosso riachinho é tão criança... .Sonha com tantas aventuras...

Vamos viajar com ele nos seus sonhos: um rio largo, imenso, daqueles que a gente precisa ficar olhando bem firme para ver a margem do outro lado

Que emoção virar um rio desses e quase morrer de susto ao cair num abismo de pedras e espuma e fumaça muito branca... Nossa! Ver muitos bichos...

Até jacaré. Até onça preta! Já pensou? Aves e peixes lindos e desconhecidos...



"O que acontecer à Terra acontecerá aos filhos da Terra"

Chefe Seattle

Ver Saci, Boi-tatá... e a lara. Ah, a lara, Mãe D'água...

Que maravilha! Ele queria conhecer esses seres todos. As Ondinas, suas amigas, encantadas do rio, juraram que eles existiam. Só que às margens de rios bem grandes, com matas fechadas, cheias de segredos.

Para onde iriam os homens que entravam pelo rio adentro, enfeitiçados pelo canto da lara?

Sumiam. Era o que diziam. Mas um dia, quando encontrasse um rio grande, ele acabaria descobrindo.

Quantas coisas maravilhosas o Universo dera de presente a todos os seres...

Pena eles não serem capazes de compreender a Natureza, como aquele índio sábio, o Chefe Seattle, que percebia a ligação que há entre todos os elementos da Natureza, entre todos os seus seres...



Nas noites de chuva, que engraçado! Tinha cada sonho! Ele era água de chuva e ia caindo em folhas lisinhas e escorregando pelo tronco de uma enorme e velha árvore.

Aí aparecia o Saci Pererê, um gnomo muito esperto, de uma perna só, e o convidava para brincar de esconde-esconde entre as suas raízes.

Ele ficava pequeno ou grande, quando queria e entrava pelos poros, buraquinhos que os bichinhos muito pequenos faziam na terra para deixar o amigo ar e a amiga água entrarem.

Então eles ficavam olhando as raízes beberem e respirarem.

Depois ele, o Saci Pererê, crescia um pouquinho e entrava em túneis feitos por minhocas que pareciam enormes. Viam tantos bichinhos, tantos... cada um mais interessante que o outro.

O Saci Pererê entrava e saía, mudando de tamanho, tão depressa que ele não conseguia acompanhar sua corrida maluca e ia ficando cada vez mais tonto.

Aí não via mais nada e só sentia que estava no fundo da terra e que, de repente, já não dava pra descer mais porque o chão estava duro, muito duro...

Já, então, ele sentia de novo riacho, escorregando num leito, mas na maior escuridão. Seria um rio debaixo da terra?

Cada coisa neste mundo...

Depois via uma luzinha lá longe e, num instante, era fonte de água brilhando ao sol.

E quando sonhava que estava subindo lá pro azul do céu? Isso era em tardes muito quentes, quando ficava meio tonto de sono.



E.. Opa! Agora não é mais sonho. Algo vai acontecer de verdade.

Será que é o seu rio, o grande rio, o rio de seus sonhos, que está lá longe?

Ele começa a se encher de felicidade. Mas não tem pressa de chegar. Os rios nunca se apressam.

Quer estar muito atento para não perder nada.
Quer viver, inteiro, cada momento, cada mudança em sua vida de aventuras.

Ele se entrega e é só oração.

Mas... meu Deus! O que está acontecendo? Que gosto estranho...

O que está acontecendo com sua água? Ficou escura de repente! E as matas ciliares? Onde estão?

Começou a chover muito e a água vem arrastando tudo, impotente, cheia de barro e lixo.

Que gosto horrível! Que coisas são essas que vêm por esses buracos redondos e imundos nas margens do grande rio?

E esses estranhos monstros que parecem de pedra e sopram fumaça suja para o céu?

Esse rio parece morto!

Nosso riachinho sente que está morrendo também.

Mas não aquela morte bonita, em que a gente se transforma em outros seres, a morte útil, que alimenta outros seres, outras vidas.

O amigo Sol já não pode entrar. As amigas bactérias e os amigos fungos lutam desesperadamente, numa última tentativa de salvar o que for possível.

Mas o oxigênio se acaba.

O rio já não é rio. É esgoto dos homens.



A Mãe D'água, com pena, cerca o riacho-criança num abraço e canta para ele cantigas de ninar.

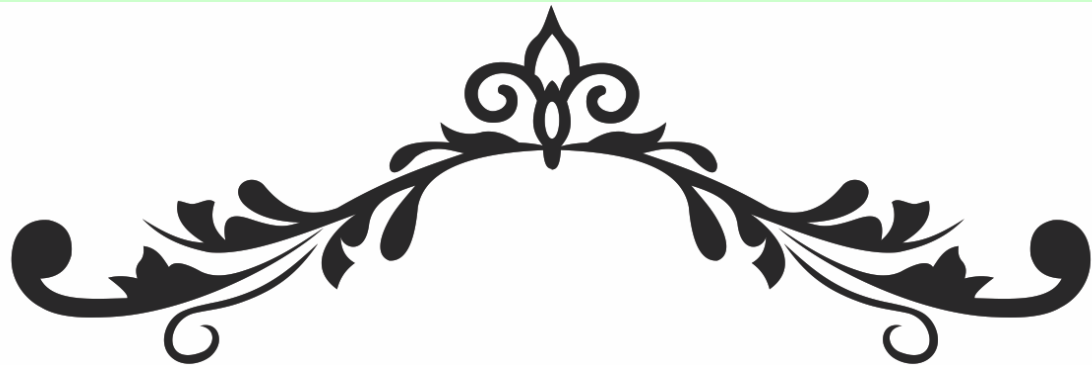
Cantigas que dizem que um dia os seres humanos vão conhecer e amar a Natureza e a ser gratos.

E que as crianças vão salvar todos os riachos do mundo para que eles possam realizar seu sonho mais belo e mais antigo: chegar ao mar, levando os presentes da Vida.

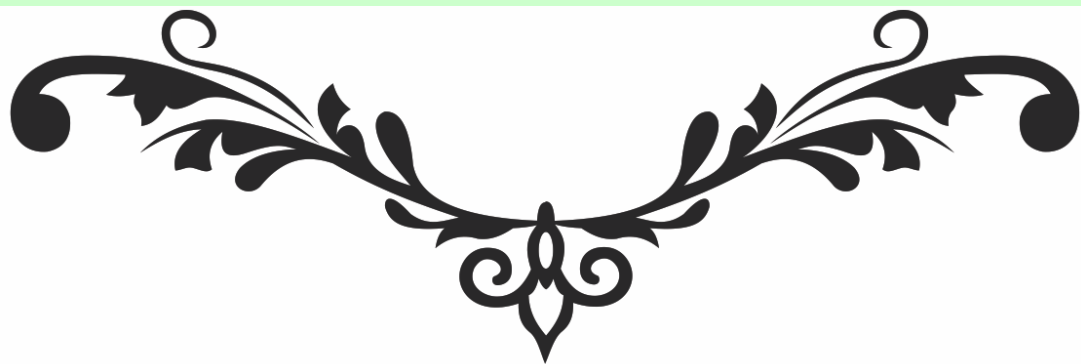
Misturar-se ao mar, ser mar, ser imensidão.



FIM. FIM?



*Acredito que, todos juntos,
poderíamos mudar o fim desta
história. Juntando-nos à Mãe D'água,
com nossa vontade de aprender, de
amar e defender nossos rios e todos
os seres da Natureza.*



Isabel Bande Espinosa é professora, nasceu na Galícia, Espanha, em 1949, naturalizou-se brasileira e considera-se cidadã do mundo. Apaixonada pela Natureza e por crianças, escreveu quatro livros infantis ecológicos e gravou um CD de músicas também infantis ecológicas que compôs e interpretou, para um projeto de Educação Ambiental que idealizou e que contou com a participação amorosa e dedicada de alunos, professores e diretores de vinte e uma Escolas Estaduais de Jaguariúna, São Paulo, e também de ambientalistas, há mais de vinte e cinco anos. Participou, também, na mesma época, de um projeto de Educação Ambiental da Unicamp, no Parque Taquaral, em Campinas. Hoje mora em São Thomé das Letras, Minas Gerais, e está se dedicando a colocar seus Trabalhos na forma digital para que possam ser recebidos gratuitamente por pessoas interessadas em divulgar o conhecimento e o amor pela Natureza.

